

IMAGINANDO, (RE)CRIANDO E ENSINANDO NORDESTES POR MEIO DA LITERATURA DE CORDEL NO MOVIMENTO DAS GEOGRAFIAS MENORES¹

Nícolás Veregue Ruiz²

Jeani Delgado Paschoal Moura³

PALAVRAS INICIAIS

Ao tratarmos sobre o ensino de Geografia nesta experimentação, não nos referimos, propriamente, à Geografia maior, instituída, pragmática e absoluta com “G” maiúsculo, mas a pensamos como um flerte, contendo aproximações experimentais de sentido com aquelas geografias das práticas cotidianas, do vivido, do dinamismo, do pensamento espacial: estamos falando das geografias menores (com g minúsculo) (RELPH, 1979; OLIVEIRA JR., 2009; QUEIROZ FILHO, 2013a, 2015).

Oliveira Jr. (2009, p. 26) apoiado em Godoy (2008), experimenta e coloca essas geografias menores como “insinuações” que são “desmontáveis”, em nossas palavras, para extrairmos novas tonalidades e novos arranjos. É importante salientar que tais geografias não são “melhores”, nem “piores” em relação à(s) Geografia(s) maior(es), nem nos compele compará-las, porém buscamos rasurar o pré-concebido,

1 Esta experimentação surge das irradiações de metodologias, didáticas e práticas no ensino de Geografia vivenciadas no estágio de regência docente ao final do último ano da licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, em 2016.

2 Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente. nicolasveregue@gmail.com.

✉ Rua Jorge Gushiken, 405, Presidente Prudente, SP. 19061410.

3 Docente da Universidade Estadual de Londrina/UEL. jeanimoura@uol.com.br.

✉ Rua Virgílio Jorge, 430, Londrina, PR. 86062-270.

sonhando, inventando e desejando, novos jeitos de ver, sentir, estar e imaginar (n)o espaço, como nos inspira Massey (2013).

Tendo maquinações⁴, rasuras e interrogações como pano de fundo, salientamos a nossa postura em relação à forma avaliativa que propomos aos estudantes, durante o estágio de regência em Geografia. Durante as discussões sobre a região nordeste brasileira, os estudantes foram elaborando uma ou duas páginas do cordel por aula. Ao final, cada estudante compôs um cordel completo, que foi feito gradativamente, cumprindo, conseqüentemente, o processo avaliativo da disciplina de Geografia.

Salientamos que, enquanto professores-pesquisadores, apreciamos os cordéis separando para estudo os mais significativos do ponto de vista dos objetivos da pesquisa. Assim, fizemos um caminho inverso, não teorizamos sobre os cordéis, apenas os observamos com vagar e elegemos aqueles cujos resultados refletiram um esforço de criação, de pensamento e de imaginação, de tal forma que revelasse narrativas autorais.

A partir dos cordéis eleitos, buscamos, num exercício de compreensão, relatar revelações, reverberações, aproximações, geografias menores, sabendo seus limites e potencialidades, sonhando com mais professores-geógrafos fazendo geografias menores, ao seu jeito, conhecendo o seu papel social, crítico e afetivo, para com seus estudantes e seus espaços de atuação.

São três movimentos de texto, três cordéis eleitos para o exercício da manifestação de ensino-aprendizagem diante de nós⁵, três exercícios

4 Nos inspiramos no artigo de Medeiros e Cazetta (2015) para tecer essa experimentação.

5 Dois aspectos que consideramos importantes na seleção do material analisado e na elaboração deste texto: (1) decidimos não divulgar os nomes dos estudantes, preservando a sua identidade, elegendo nomes fictícios aleatórios para os mesmos; (2) mantivemos as grafias originais dos cordéis, entendemos os “erros” como manifestação essencial do ser.

de escrita, para praticarmos esta arte, de sonho, crítica e imaginação, desejando ajudar os estudantes a indagarem aquilo que veículos diversos (de comunicação, mídia, de encurtamento de sonhos, de violação de humanidades [...]) criam e perpetuam.

Ter em mãos os cordéis confeccionados pelos estudantes do colégio que estagiamos, é (re)colher um pouco do que eles apreenderam/aprenderam durante as nossas aulas, na exposição dos conteúdos, nos casos e dispersões que surgiram durante essas exposições: inspiração, respiração, poética, erros gramaticais, linhas tortas, cores ou a falta delas, o empenho ou a falta dele, enfim, a revelação de si mesmos.

Percorrer as terras (in)cógnitas (WRIGHT, 2014) desses cordéis que são textos prontos para serem lidos e, a todo momento, têm algo a nos dizer. Estabelecendo diálogo(s) conosco, sempre. Percorremos nesses cordéis, as terras (in)cógnitas de um nordeste profundo, complexo, inventado, imaginado, rasurado, de contrastes e distorções. Uma folha sulfite tamanho A4, dobrada em quatro partes para se tornar um livreto de oito páginas, grampeadas e prontas para que a criatividade acontecesse e aquilo que se quisesse pronunciar sobre a região nordeste pudesse se manifestar.

AS FESTAS QUE ENCANTAM E O SOLO QUE ENTRISTECE: PRIMEIRO MOVIMENTO DE TEXTO

Na primeira página de um dos cordéis que mais prendeu a nossa atenção, encontramos um poema escrito em tinta vermelha. Versos simples que nos levaram a refletir e a questionar sobre aspectos que povoam a nossa imaginação, vezes permeada por estereótipos e imagens preconcebidas e preconceituosas talvez, ora imersa em uma sensibilidade e afetividades para com outros espaços.

Nordeste muita gente
fala mau de você
mas ninguém foi aí para
saber.
Nordeste, nordeste esse
seu solo me entristece.
Nordeste você é especial,
e não existe outro igual.
Suas festas me encantam
mais sua seca me espanta.

(Valentin)

O estudante-autor destes versos possivelmente nunca esteve na região nordeste, assim, jamais experienciou as suas paisagens, nem percorreu e degustou os lugares do sertão, a zona da mata, o agreste ou o meio-norte, porém por meio de sua imaginação e criação, lidou com toda a fantasmagoria e a imagens preconcebidas de lugares bem distantes do seu, inventadas e construídas historicamente (ALBUQUERQUE JR., 1994).

Uma ode, um anseio, uma estima e sensibilidade em relação àquela *terrae incognitae*, um desejo, uma libido geográfica, esse fascínio pelo que ainda não foi visto e pelo que os mapas não mostram (WRIGHT, 2014; MARANDOLA JR., 2010a). Sentimentos de anseio e esperança permeiam por aquelas linhas e páginas, afinal, qual(is) nordeste(s) permanece(m) na memória e são (des)construído(s), ou melhor: quais geografias pessoais (LOWENTHAL, 1982), também menores permanecem, mesmo depois das aulas que ministramos?

Valentin criou a sua (geo)grafia e nos mostrou nessa e em outras páginas do seu cordel. Para nos auxiliar, recorreremos a Dardel (2015), que revela essa geografia primeira, anterior e sustentáculo da nossa ciência geográfica, sendo ela, sobre o que importa para os seres, bem como as nossas inquietações e preocupações. Podendo ser entoado

repetidamente, o poema é um cantar (in)quieto escrito em uma caligrafia torta e (in)certa.

O INCERTO, A QUEBRA E AS LINHAS QUE FOGEM: SEGUNDO MOVIMENTO DE TEXTO

Seu pescador
 Me diga uma coisa
 E seja sincero comigo
 Se você fosse um peixe
 Quem seria o seu amigo?
 Um tubarão medonho
 Sem maldade de atacar
 Ou uma inocente
 Água-viva
 Que qualquer vacilo
 Pode te queimar

(Fabio)

O revelar-se da geografia se dá no cotidiano, no corriqueiro, no espontâneo e inesperado, assim também a literatura de cordel e seus cordelistas entoam tais cotidianos, evocando o corriqueiro, criticando-o, transformando-o em arte, poetizando a espontaneidade e refazendo o inesperado.

Marandola Jr. (2010b), no texto “Tempo e espaço cotidiano – crônicas de um tecido inacabado”, pensa e dialoga sobre as crônicas, não sobre cordéis, porém nos faz refletir justamente sobre manifestações artísticas-textuais-imagéticas-pictórias “simples” e ao mesmo tempo profundas, esse espaço-tempo que é nosso e está sendo percorrido (ou não), tangenciado pela espontaneidade e leveza. “[...] O inesperado é uma das formas mais puras de crítica, pois rompe uma linha de sucessão de fatos culturalmente compartilhada e que, na sua inversão ou rompimento, provoca a reflexão [...]” (MARANDOLA JR., 2010b,

p. 339). Essa inversão inesperada aconteceu quando Fábio escreveu o poema supracitado, lido por nós, rompendo com as inúmeras imagens e escritas copiadas dos colegas e/ou da internet, indicando que ainda há criatividade e possibilidade de criação na sala de aula.

Um poema, dentre outras coisas, é arte subversiva e, no conjunto do cordel, nos enleva ao inesperado, ao sensível e às fronteiras do saber e do conhecimento (FERREIRA; MARANDOLA JR., 2003) feito em aulas que acontecem, também, em espaços compartilhados do inesperado e do espontâneo, indicando múltiplas dobras espaciais e temporais.

CORES, CONTRASTES E NUANCES GEOGRÁFICAS: TERCEIRO MOVIMENTO DE TEXTO

No terceiro cordel analisado, encontramos “apenas” desenhos, imagens pictóricas com suas cores e formas, transitando entre dois contrastes bem delimitados: nas primeiras páginas, um nordeste turístico, litorâneo, “bonito” e consumível, já nas páginas finais, um nordeste seco, uníssono, com sua vegetação de cactáceas, característica desse lugar que se anuncia. Laura, nas páginas em que representou o litoral nordestino, ficou latente a sua preocupação em mostrar a área extremamente urbanizada e verticalizada, “amontoando” os prédios, edifícios e casas, acinzentadas como apresentado na Figura 1.

Não sabemos, nem precisamos saber, sobre qual cidade específica a autora do cordel está se referindo, porém, sabemos que as paisagens vendem por meio de suas imagens, o turismo, resta saber quem a compra, quem a consome. São os moradores daquele lugar, são pessoas que vêm de outros lugares, atraídos por catálogos e pacotes de viagem e imagens superproduzidas (“editadas”) de tal lugar (QUEIROZ FILHO, 2013b)?



Figura 1 - Cordel de Laura: cores, contrastes e nuances geográficas
Fonte: Laura (2016). Acervo pessoal, RUIZ, N. V.; MOURA, J. D. P.

A paisagem pictória representada nas primeiras páginas, o nordeste turístico, não é um só. E o “seco”, exposto nas páginas finais, mesmo mais colorido que o nordeste anterior, também não é homogêneo. Colocando tudo isso em panorama, o que nos revela e desvela tais desenhos?

Em seus encontros com os desenhos e as escutas de estudantes e professores, no decorrer de sua vida docente, Oliveira Jr. (2011, p.15) ajuda a responder à pergunta, no sentido de encontrar no desenho uma linguagem que aproxima, diretamente, a preocupação dos estudantes com a “dimensão espacial da existência”, cerne da ciência geográfica.

Mais à frente no seu texto, o mesmo autor nos dirá o seguinte:

Ao desenho, portanto, não cabem regras que estabeleçam relações explícitas entre a obra e a “realidade” que ela apresenta. As “regras” do desenho são as estabelecidas pela cultura na qual cada desenhista está inserido e elas mergulham-nos na história desta linguagem – do desenho. Uma história e uma cultura que ligam o ato de desenhar muito mais às “subjetividades” que as “objetividades”, franqueando a aparição nos desenhos [...] de invisibilidades e imaterialidades [...] (OLIVEIRA JR., 2011, p. 17).

Imerso de “subjetividades”, mais que “objetividades”, mirando para além das certezas, ampliando o nosso sentido (FERRAZ, 2009), encontramos nos desenhos do cordel de Laura, este espaço rasurado, pronto a ser rasurado ainda mais por nós neste e em outros textos-rasuras futuros, sabemos que as imaterialidades e invisibilidades latentes nos dão âncora para continuar imaginando e querendo que mais espaços (nos) rasurem e levar mais e mais estudantes a desejarem criar e rasurar seus espaços de vivência, existência e sentimentos em direção aqueles espaços não conhecidos, incógnitos que estão por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final desta nota, encarando potencialidades no saber-fazer geográfico (menor), encaramos também, cópias, desenhos iguais, cordéis sem muita “criatividade” e vontades, estes, propositalmente, não foram comentados, porém são reflexos do nosso tempo, o qual não se valoriza a criatividade, mas apenas a reprodução do que está posto, sem o desejo de divergir, dissociar e criar.

Não os culpamos, aliás o que devemos menos fazer nessa geografia que se ensina na escola, é encontrar os culpados. Que possamos lidar com todas essas vontades e desejos adversos aos nossos, encontrar uma maneira de possibilitar a busca por conhecimento, transmitir e construir atitudes e valores em relação ao mundo e à vida. Mais do que ensinar onde fica o Nordeste no mapa do Brasil, suas divisões regionais, suas cidades, população, cultura, os elementos geológicos, climáticos e geomorfológicos, esta atividade proposta possibilitou provocar os estudantes a saírem e a viajarem, por meio da imaginação, entendendo que muitos nunca saíram fisicamente de seu município de origem.

Pelo direito de sonhar nordestes, imaginar outros espaços, trazer o vivido para nossas práticas pedagógicas e querer o outro caminhando ao nosso lado, no conhecimento e no cotidiano que deveriam estar mais imbricados. É salutar lembrar, que isso não é um discurso romântico, apaixonado e limitado, justamente o contrário, é combativo, pois luta contra a falta de humanidade em todos os seus (a)fazeres e pensares, buscando novas metodologias, referenciais e aportes, uma completude ao nosso ser. ☺

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Jr., D. M. **O engenho anti-moderno**: a invenção do nordeste e outras artes. 1994. 507p. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas.
- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FERRAZ, C. B. O. Geografia: o olhar e a imagem pictórica. **Pro-posições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 29-41, set./dez. 2009.
- FERREIRA, Y. N.; MARANDOLA Jr., E. O sensível e a afetividade nas fronteiras do saber: sobre a imaterialidade dos fenômenos geográficos. **Olam**: Ciência e Tecnologia, Rio Claro, v. 3, n. 1, p. 129-174, set. 2003.
- LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 103-141.
- MARANDOLA JR., E. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 7-26, jan./jun. 2010a.
- MARANDOLA JR., E. Tempo e espaço cotidiano – crônicas de um tecido inacabado. In: MARANDOLA JR., E. GRATÃO, L. H. B. (Orgs.) **Geografia & Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: Eduel, 2010b. p. 329-347.
- MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 3ed. Trad. Hilda P. Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- MEDEIROS, C. A. G.; CAZETTA, V. Concepções de nordeste: desenhos e subjetividades maquímicas. Colóquio Internacional “A educação pelas imagens e suas geografias”. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2015. p. 1-11.

Notas e Resenhas

OLIVEIRA JR., W. M. Desenhos e escutas. In: NUNES, F. G. (Org.) **Ensino de geografia**: novos olhares e práticas. Dourados: Ed. UFGD, 2011, p. 13-36.

OLIVEIRA JR., W. M. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-posições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 17-28, set./dez. 2009.

QUEIROZ FILHO, A. C. Geografias inventadas: travessias, rasuras, devir. In: VASCONCELOS JR., R. E. P. et al. (orgs.). **Hierópolis**: o sagrado, o profano e o urbano. Fortaleza: Edições UFC, 2013a, p. 199-210.

QUEIROZ FILHO, A. C. Poéticas urbanas e suas geograficidades: desaprendendo a gramática visual do mesmo. **Geograficidade**, Niterói, v. 3, n. 2, p. 79-90, inverno. 2013b.

QUEIROZ FILHO, A. C. Sentidos à mesa: o sabor da linguagem e da paisagem quando a poesia está posta. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 24-43, jul./dez. 2015.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.4, n.2, p.1-25, abr. 1979.

WRIGHT, J. K. *Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, Niterói, v.4, n.2, p. 4-18, inverno. 2014.